

O PENSAMENTO EMPÍRICO E RACIONALISTA EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL¹

Diego Salcedo

Professor Doutor na Graduação e Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: salcedo.da@gmail.com

Aline Perpétua Cavalcanti

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail:

alinne.cavalcanti@gmail.com

RESUMO

Parte de debates iniciados em sala de aula, particularmente, na disciplina Pensamento Científico e Biblioteconomia, ofertada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco. Tem como objetivo identificar e analisar o estado da arte sobre o empirismo e o racionalismo no debate científico biblioteconômico brasileiro. Considera como pressuposto observado em sala de aula de que grande parte dos estudantes, ao entrar na Universidade, tem dificuldades ou resistência com relação ao debate sobre as formas de pensar empiricista e racionalista. A metodologia utilizada foi exploratória, quanto ao objeto da pesquisa, e o procedimento utilizado foi o bibliográfico com revisão de artigos recuperados da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação. O debate proposto está dividido em quatro seções: uma introdução seguida pela revisão bibliográfica sobre dois proeminentes pensadores do empirismo e do racionalismo (Francis Bacon e René Descartes, respectivamente); uma terceira seção em que é comentada o estado da arte sobre essas correntes de pensamento na biblioteconomia brasileira; e, enfim, são feitas algumas considerações finais. Aponta, ainda, como consideração final que este escrito pode contribuir como material didático para uso dos neófitos estudantes universitários.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ciência. Empirismo. Racionalismo. Brasil.

EMPIRICAL AND RATIONAL SCIENCE THINKING IN BRAZILIAN LIBRARY STUDIES

ABSTRACT

Parts from debates initiated in the classroom, particularly, within the subject of Scientific Thought in the Library Studies Course, offered in the Library Studies Bachelor Degree at the Federal University of Pernambuco. It aims to identify and analyze the state of the art on empiricism

¹ Artigo resultante dos trabalhos do Grupo de Pesquisa IMAGO (CNPq/DCI/UFPE). A estudante do Curso de Biblioteconomia recebeu o prêmio de mérito científico pelo seu Trabalho de Conclusão de Curso, em 2016, a partir do qual nasceu este texto.

and rationalism in the brazilian library studies debate. It considers as an assumption observed in the classroom that a great part of the students, when entering the university, have difficulties or resistance with respect to the debate on empiricist and rationalistic ways of thinking. The methodology used was exploratory, regarding the object of the research, and the procedure used was the bibliographical review of articles retrieved from the Reference Database of Periodical Articles in Information Science. The proposed debate is divided into four sections: an introduction followed by the bibliographical review of two prominent thinkers of empiricism and rationalism (Francis Bacon and René Descartes, respectively); a third section in which the state of the art about these schools of thought in brazilian library studies is commented; finally, some final considerations are made. It also points out, as a final consideration, that this writing can contribute as didactic material for the use of neophyte university students.

Key-words: Brazil. Empirism. Library Studies. Science. Rationalism.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho se deu a partir da vivência e interesse pela História e Filosofia da Ciência, desde o primeiro período na Universidade, no Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao estudar, nesse período, a disciplina "Biblioteconomia e Pensamento Científico" foi percebida a importância do estudo filosófico-científico para o curso e, por sua vez, para a formação humana do neófito estudante universitário.

O tema e a forma com ele é debatido em sala são importantes ao desenvolvimento intelectual e humanístico do futuro bibliotecário. Sendo assim, é salutar e relevante o debate e o estudo filosófico-científico nas Universidades, em qualquer que seja o curso: da História à Medicina, da Matemática à Biblioteconomia etc. O estudo e reflexão da História e Filosofia das Ciências transforma a percepção e compreensão acerca de nós mesmos, mas, também, oferece clareza sobre a relação entre o conhecimento científico e a sociedade.

Uma das características do novo perfil (406) do Curso de Biblioteconomia da UFPE é o direcionamento da formação do estudante a um conjunto de disciplinas e práticas que estimulam e incentivam o pensar e o fazer científico. Uma dessas disciplinas é intitulada

“Biblioteconomia e Pensamento Científico”, ofertada na grade curricular do primeiro período.

No seu Plano de Ensino constam os seguintes objetivos: a) Introdução aos principais conceitos sobre o pensamento científico e suas características frente ao pensamento do senso comum; b) Apresentar, de forma sintética, as principais correntes e escolas do pensamento científico e os impactos que tiveram na história da sociedade; e c) Discutir as revoluções científicas e epistemológicas e o impacto da informação na ciência contemporânea.

Assim, o presente artigo, tem como objetivo geral identificar e analisar o estado da arte sobre o empirismo e o racionalismo na Biblioteconomia brasileira. Para isso foi feita uma revisão bibliográfica a partir da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRPACI). A metodologia utilizada foi exploratória, quanto ao objeto da pesquisa, e o procedimento utilizado foi o bibliográfico e o documental.

A estrutura do artigo é constituída de cinco seções. Esta introdução; a seção dois em que são explicadas as visões de mundo empirista e racionalista, com enfoque em dois pensadores: Francis Bacon e René Descartes, respectivamente; uma terceira seção em que são ilustrados os dados compilados, desde a BRAPCI, e sua análise; por fim, a quarta seção em que são feitas algumas considerações finais.

2 EMPIRISMO E RACIONALISMO: aproximações e distanciamentos

Historicamente existem dois principais modelos de pensamento tanto no âmbito filosófico, quanto no científico, a saber: racionalismo e empirismo. São essas duas maneiras de olhar para o mundo, para a natureza, para o próprio homem e seu pensamento que interessam ao escopo do trabalho. Vale explorar a literatura científica e especializada para indicar algumas características desses modelos de pensamento a partir de um pensador reconhecido em cada um deles. Para a visão racionalista situaremos o pensamento, a biografia e a produção científica de René Descartes. Em contrapartida, utilizando dessas mesmas três categorias, faremos uma leitura de Francis Bacon.

No Dicionário de Filosofia de Stanford, uma das obras de referência, na Internet, mais respeitadas do mundo consta o seguinte: “rationalists claim that there are significant ways in which our concepts and knowledge are gained independently of sense experience.

Empiricists claim that sense experience is the ultimate source of all our concepts and knowledge” (MARKIE, 2015).

Afinal, então, como e o que é compreender e como isso é possível? Esta aí uma das questões mais antigas e relevantes da filosofia. Segundo Omnès Roland, podemos classificar as respostas filosóficas em duas grandes categorias, conforme diz a primeira, o mundo é fielmente representado pelas imagens de nosso espírito e pela linguagem comum. Já para a segunda, o mundo é essencialmente diferente do que parece ser para nós. Em síntese, "trata-se da oposição entre Platão e Aristóteles, presente desde os primórdios da filosofia" (OMNÉS, 1996, p. 87).

Descartes e Bacon utilizaram a razão como base da sua filosofia. Contudo, utilizou-a por caminhos diferentes, o primeiro apoiava-se na razão e no inatismo, o segundo, na razão e no empirismo, afirmava expressamente que as experiências originárias das sensações eram essenciais na busca pela verdade. Bacon é considerado o fundador e um dos filósofos mais influentes da escola filosófica do período moderno, o empirismo, que acreditava que o conhecimento se dá com base nas experiências sensíveis.

Descartes, por sua vez, ficou conhecido como o "pai" da filosofia moderna, ele era um filosofo-matemático, pois usava princípios matemáticos em sua filosofia racionalista, filosofia essa que busca a verdade além da razão, Descartes julgava que era possível conhecer à verdade através dos discernimentos corretos, e do princípio da dúvida.

Expostas as maneiras de pensar racionalista e empirista, do ponto de vista filosófico, cabe agora tratá-la desde uma visão científica. De acordo com Marilena Chauí, a concepção racionalista foi iniciada com os gregos e se estendeu até o final do século XVII. A idealização racionalista afirma que a ciência é um conhecimento racional dedutivo e demonstrativo como a matemática, sendo capaz de provar a verdade universal de seus enunciados e resultados não deixando dúvida alguma.

Conforme o pensamento de Chauí (2000, p. 320) a ciência é “unidade sistemática de axiomas, postulados e definições, que determina a natureza e as propriedades de seu objeto, e de demonstrações, que provam as relações de causalidade que regem o objeto investigado”. O objetivo científico é uma representação intelectual universal, necessária e verdadeira das coisas representadas, correspondendo à própria realidade.

Tanto Descartes, com a sua concepção racionalista, quanto Bacon, com a sua concepção empirista possuíam o mesmo pressuposto, só os realizavam de maneiras diferentes. Por um lado aquele apostava no uso exclusivo da razão para obtenção de um

conhecimento universal e necessário, já Bacon, tecia a ideia de que as experiências trazidas pelas sensações são essenciais para se iniciar qualquer processo de pensamento.

A visão racionalista era hipotético-dedutiva, isto é, definia o objeto e suas leis, e a partir disso deduzia efeitos posteriores, previsões. Já a visão empirista era hipotético-indutiva, ou seja, apresentava suposições sobre os objetos, realizava observações e experimentos e depois chegava às suas definições do fato, às suas leis e previsões (CHAUÍ, 2000).

Enfim, sugere Salcedo (2010, p. 30),

a confluência de múltiplos fatores foi fundamental para a emergência das práticas científicas modernas. Dentre eles, podemos citar o declínio do império islâmico, que deixou como herança uma grande síntese de conhecimentos; a Renascença, que entre outras idéias, pregava o individualismo; a Reforma e a Contra-Reforma, que debilitaram a hegemonia de uma religião institucionalizada; o sistema capitalista, em contraponto ao mercantilista, que simpatizava com a experimentação e crença na exploração da natureza (quando irão surgir os estudos da fauna e flora); as viagens ultramar, que revelaram uma profusão de novos fenômenos; os conhecimentos e práticas científicas, que tornaram possível identificar métodos de pesquisa; a estimulação sobre a dominação das tecnologias de guerra e o surgimento da imprensa, no século XV, que propiciou a difusão de conhecimento em escala sem precedentes.

Suas diferenças ficam somente por conta do método de como atingir o conhecimento sobre o mundo e as coisas, pois ambos consideravam a teoria científica como uma representação e explicação verdadeira da própria realidade, ambos buscavam um conhecimento válido.

2.1 O RACIONALISMO DE RENÉ DESCARTES

Figura 1 – Selo emitido em 1937 pela França: Descartes



Fonte: May (1997)

Em 1596 nasce Descartes, em La Haye. Filho de Joachim Descartes, advogado e Juiz, era também conselheiro no Parlamento de Rennes. Em 1606, aos oito anos de idade, Descartes entra para o colégio Jesuíta de La Flèche, considerado o colégio mais prestigiado da França, permaneceu nele até 1612, destacando-se nos últimos anos em lógica, filosofia e matemática. Em 1618 com o início da guerra dos Trinta Anos, Descartes vai para a Holanda, onde realiza sua instrução militar sob a direção de Maurício de Nassau. Também dessa época datam as primeiras reflexões que o conduziram à sua original filosofia. Dois anos depois renuncia à vida militar, e aos 22 anos de idade começa a formular o seu método de raciocinar racional. Morre em 1650, em estocolmo, de pneumonia. Suas principais produções científicas foram, o discurso do método (1637), sua principal obra, as paixões da alma (1649) e meditações (1641).

Descartes viveu pensando por si, e para si mesmo. O que podemos aprender com o seu legado é que não podemos apenas confiar naquilo que nos contam, temos que buscar a certeza a partir daquilo que nós mesmos podemos desenvolver. Para ele era preciso que, partindo do meu próprio pensamento, eu chegue a descobrir a certeza (SAVATER, 2015).

Descartes é protagonista do famoso "penso, logo existo", célebre *cogito ergo sum*. A única coisa em que ele acreditava ter certeza era da própria dúvida, e, dizia ele, que se estou duvidando, é porque existo. Para Descartes o "penso" é muito amplo, não se refere simplesmente ao que chamamos de pensamento. Trata-se de toda a atividade mental, a hesitação, a dúvida, a certeza, e também o que forma a vida, o espiritual e intelectual (SAVATER, 2015).

Para Descartes o objeto científico é matemático, visto que a realidade possui uma estrutura matemática. O precursor da ciência racionalista foi René Descartes, considerado o pai da filosofia moderna. Para ele, a razão era o caminho para se alcançar a verdade, seus princípios são baseados na busca pela certeza, pela demonstração e análise.

Ao dizermos que algo está matematicamente correto, temos provas para demonstrá-lo, e dessa maneira eliminamos as dúvidas a respeito do que sabemos ou não, e ao chegar a uma conclusão nós podemos nos sentir seguros de que a atingimos da maneira adequada (SAVATER, 2015).

A filosofia moderna de Descartes tem o propósito de conhecer o caminho que se pode seguir para chegar ao conhecimento e à verdade. Ele não começa, como alguns filósofos, determinando verdades, nem definindo coisas, mas buscando um caminho para se chegar a conclusões confiáveis. "A chave da sua busca é o método, que vem da palavra

grega *methodos*, que quer dizer "caminho", a primeira coisa que Descartes procura. Um caminho que nos leve a ideias que se apresentem claras e distintas" (SAVATER, 2015, p. 73).

Descartes acreditava que a sua missão era consolidar todos os conhecimentos humanos a partir de bases seguras, com sustentação na estrutura racional e matemática. Ele estava certo de que existia um acordo indispensável entre as leis matemáticas e as leis da natureza, e acreditava que precisávamos desvelar a teia numérica que constitui a alma do mundo, abrindo caminho para o conhecimento claro e seguro de todas as coisas. Esse inclusive era um antigo ideal pitagórico (DESCARTES, 2000).

Descartes, desde os tempos do colégio, já havia sido tocado pela sedução das matemáticas. Em sua principal obra "discurso do método", Descartes (2000, p. 14) afirmava "eu me comprazia principalmente com as matemáticas, devido à certeza e à evidência de suas razões".

E não sem motivo, pois ao contrário da fragilidade dos argumentos e do desencontro típico das "humanidades", as matemáticas apresentavam uma construção sólida e clara, com força de demonstrações incontestáveis. As matemáticas embora extremamente ricas racionalmente, não traziam nada de fundamental para os problemas da vida, que permaneciam objetos de argumentações vagas (DESCARTES, 2000).

Para Descartes o importante, e que constituía condição básica, é que só se considere como verdadeiro o que for evidente, ou seja, que tenha clareza e precisão. Isso, aliás, está em seu livro o discurso do método. Descartes chegou a afirmar, e com toda segurança, que a evidência era mesmo o critério da verdade, as ideias claras correspondiam de fato à realidade. Ele entendia que como recurso para a construção da ciência e também para a sabedoria da vida, devesse seguir as precisões da razão, que opera por intuições e análises.

2.2 O EMPIRISMO DE FRANCIS BACON

Figura 1 – Selo emitido em 1910 pela colônia britânica Newfoundland: Lord Bacon



Fonte: Bacon (2017)

Bacon nasceu em 1561, em Londres. Seu pai desempenhava a função de guarda do Grande Selo, sua mãe era mulher de incomum cultura, era tradutora de obras religiosas, puritana em moral e estimulou Bacon no sentido de zelo, da dedicação e severidade. O culto religioso familiar, leitura diária da bíblia, ao qual Bacon era obrigado a participar, deixou marcas profundas em seu estilo literário.

Em 1573, aos doze anos de idade, Bacon ingressou no Trinity College da Universidade de Cambridge, escola preferida pela nova nobreza. Em Cambridge, Bacon permaneceu até 1575, adquiriu sólidos conhecimentos de filosofia antiga. Em 1577, dois anos após concluir seus estudos, o pai de Bacon o enviou à França para trabalhar junto ao embaixador Sir Amyas Paulet, começava aí a sua carreira diplomática, e em pouco tempo Bacon recebeu o título de Conselheiro da Coroa. Bacon muda-se Twickenham, e começa a dedicar-se exclusivamente ao trabalho intelectual, redigindo os Ensaios.

Bacon morre em 1626, ele terminou seus dias trabalhando da maneira como sempre recomendou àqueles que quisessem saber algo de verdadeiro a respeito da natureza: pesquisando experimentalmente. Suas principais obras foram: *Novum Organum* ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza (1620) e Nova Atlântida (1627).

Bacon foi o "inventor do método experimental", "fundador da ciência moderna e do empirismo", afirmava que numa época na qual "era impossível escrever a história daquilo que os homens sabiam, ele traçou um mapa do que eles deveriam aprender" (ANDRADE, 2000). O princípio que conduziu a sua vida e atividade intelectual foi a

máxima "saber é poder". Este princípio foi aplicado por ele de forma parcial e com perigoso desprezo por qualquer lei moral; no campo da ciência, opostamente, os interesses pessoais não o desviaram do caminho escolhido, aquele princípio permitiu a construção de vasto e eficaz sistema de ideias.

A concepção empirista também foi iniciada com os gregos, e se estendeu até o final do século XIX. A idealização empirista segundo Marilena Chauí (2000, p. 320), afirma que "a ciência é uma interpretação dos fatos baseada em observações e experimentos". Para os defensores da ciência empírica, depois de observados os fatos e realizados os devidos experimentos, é estabelecido induções que oferecem a definição do objeto, suas propriedades e suas leis de funcionamento.

Logo, a teoria científica empirista resulta das observações e dos experimentos, de modo que a ciência não tem simplesmente a função de verificar e confirmar conceitos, mas a função de produzi-los. Desse modo, era grande o cuidado para se estabelecer métodos experimentais rigorosos, pois dependia deles para a formulação da teoria e a definição do posicionamento investigado.

O termo empirismo tem sua origem na palavra *empeirikos*, e pelo latim, na palavra *empirucus*, que significa observar, experimentar. Os empiristas defendem que o conhecimento é primária e principalmente obtido por meio das experiências sensoriais. Os mais radicais afirmam ainda que o conhecimento só é obtido pela experiência sensorial, e por nenhuma outra forma. O principal iniciador da teoria empirista foi Francis Bacon, para o qual a verdadeira ciência era a ciência das causas e seus métodos eram experimentais, o conhecimento era baseado nas experiências que podíamos realizar sobre a matéria e essa em nós.

Bacon reivindicava por uma reforma total do conhecimento humano, criticava a filosofia por não produzir resultados práticos para a vida do homem. Para ele, os filósofos racionalistas são comparados a aranhas que tecem teias maravilhosas, mas permanecem inteiramente alheios à realidade.

Partia do pressuposto que era preciso um novo método de investigação da natureza, que permitiria um correto conhecimento dos fenômenos: "partindo-se dos fatos concretos, tais como se dão na experiência, ascende-se às formas gerais, que constituem suas leis e causas. Esse procedimento chama-se método indutivo" (ANDRADE, 2000, p. 14).

Bacon, embora não tenha criado a ciência moderna, foi de fundamental importância para a mesma, ao formular a teoria da indução, com todos os procedimentos e cuidados para a investigação dos fenômenos naturais. Com Bacon a teoria indutiva ganha amplitude e eficácia muito maiores e notórias.

Para Bacon o verdadeiro filósofo deveria seguir o exemplo da abelha e trabalhar na acumulação ordenada de conhecimentos, conhecendo também o método que permitisse o progresso do conhecimento. Para ele o saber era um meio de conquistar o poder sobre a natureza.

Exploradas, então, as aproximações e os distanciamentos da forma de pensar e fazer ciência empirista e racionalista a partir de um breve relato biográfico de dois ícones mundiais, a saber: René Descartes e Francis Bacon, o tópico a seguir identifica e analisa esse debate na área da Biblioteconomia no Brasil.

3 O EMPIRISMO E RACIONALISMO NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

Conforme foi mencionada na introdução, esta seção explicita como e quantas vezes as correntes de pensamento empirista e racionalista, bem como dois dos seus expoentes, Francis Bacon e René Descartes, estão sendo citados na literatura científica da área de Biblioteconomia.

Antes, porém, iremos identificar brevemente o que é o "estado da arte" ou "estado do conhecimento", para Ferreira (2002, p. 258) ao longo dos últimos 15 anos tem se gerado um conjunto significativo de pesquisas conhecidas por esta denominação: estado da arte. Elas têm caráter bibliográfico, trazem o desafio em comum de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos dos conhecimentos.

Uma das intenções do estado da arte é a de responder aos aspectos e dimensões das produções acadêmicas que vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes contextos, épocas e lugares, são também reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter descritivo da produção científica sobre o tema que busca investigar, as formas como veem sendo produzidas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos, anais de congressos e seminários.

A sensação que parece invadir a mente dos pesquisadores é a do não conhecimento quanto a totalidade de estudos e pesquisas em determinada área do conhecimento, que apresenta crescimento tanto quantitativo, quanto qualitativo, bem como sobre as

reflexões desenvolvidas em nível de pós-graduação, produção esta distribuída por numerosos programas de pós-graduação e pouco divulgadas.

Conforme pensamento de Ferreira (2002, p. 259) precisamos compreender que o entendimento acerca do estado de conhecimento de determinado tema, e em certo momento, é necessário para o processo de evolução da ciência, tendo a finalidade de se ordenar periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos. Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o que já foi produzido, para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número notável de pesquisas realizadas e de difícil acesso, com a tarefa de dar conta de determinado saber, que aumenta cada vez mais rapidamente, e divulgá-lo para a sociedade.

Esclarecido sucintamente o que é o estado da arte, mostraremos a seguir o quadro que identifica como e quantas vezes as correntes de pensamento empirista e racionalista são citados na literatura científica da área de Biblioteconomia.

Como resultado da busca na BRAPCI, realizada no mês de novembro de 2016, foram recuperados os dados ilustrados abaixo. Vale ressaltar que os termos de busca utilizados foram: 'Bacon', 'Empirismo', 'Descartes' e 'Racionalismo'. Os 3 artigos recuperados com o termo 'Bacon' foram publicados em 2009, 2010 e 2011. Por sua vez, o termo 'empirismo' recuperou 8 artigos publicados num intervalo entre 2006 e 2013. O termo 'Descartes' recuperou 6 artigos, sendo um deles em 1984 e os demais entre 1999 e 2014. Por fim, o termo 'racionalismo' recuperou artigos publicados na primeira década do século XXI, num total de 5.

Dos três artigos encontrados com o termo 'Bacon', o primeiro deles, com o seguinte título: A potência do não percebido: Hegel, Dewey, e seu lugar da corrente principal do pensamento classificatório, fala sobre o sistema classificatório e cita Bacon enquanto sua influência filosófica nesse campo de conhecimento. O artigo diz que para Bacon, a classificação deve começar com o conhecimento em sua totalidade e depois ser dividido em classes, em grandes áreas temáticas, prosseguindo com uma série de medidas controladas. Segundo Olson (2011, p. 7) "a classificação do conhecimento de Bacon é baseada na História, como uma emanção da Memória, da Poesia como emanção da Imaginação, e da Filosofia como emanção da Razão".

O segundo artigo encontrado com o termo 'Bacon', tem por título: Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século, o presente artigo só cita

Bacon enquanto classificador do conhecimento, segundo o autor Roqueta, Harris, Dewey e seus seguidores se basearam nas classificações de Bacon e Leibniz (2010, p. 126).

O terceiro artigo encontrado com o termo 'Bacon', tem como título: De Bacon à internet: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação, o trabalho aborda questões relacionadas à organização do conhecimento e à constituição do campo científico, discutindo os alicerces filosóficos em que a ciência se desenvolveu, reposicionando a teoria classificatória como um dos elementos característicos desse processo.

São levantadas as contribuições de Bacon à organização e divisão do conhecimento, o quadro geral e esquema dos campos de estudo, embasados nas três faculdades de compreensão da mente, a saber: "a Memória (relacionada à História), a Imaginação (relacionada à Poesia e às Artes) e a Razão (relacionada inicialmente à Filosofia e, depois, às Ciências)". (ALMEIDA, 2009, p. 118).

Dos oito artigos identificados com o termo 'Empirismo', quatro deles só tocam no assunto 'empirismo', mas não citam de fato a corrente, ou algo que tenha significado para o proposto aqui, que é mencionar o empirismo como corrente empirista. Os outros quatro citam o empirismo da seguinte maneira.

O primeiro artigo encontrado pelo termo 'Empirismo' tem como título: José Marques de Melo e a escola latino-americana de comunicação: obra, pensamento e história, para o autor o empirismo precisa caminhar junto à teoria, para tornar-se válido. Considera o conhecimento empírico como algo que completa a ciência, baseado nas experiências. Defende a utilização de métodos empíricos para o conhecimento de fenômenos comunicacionais, "seu rechaço a uma reprodução teórica sobre reprodução teórica é nítido, ele valoriza a utilização de elementos reais, que permeiam às sociedades, para a averiguação teórica e construção de conhecimento, ou seja, José Marques explora o empirismo a favor da ciência da comunicação" (FIGUEIREDO, 2013, p. 103).

O segundo artigo encontrado pelo termo 'Empirismo', tem por título: Patchwork como princípio de produção e organização do conhecimento, para o autor do artigo o mundo passa através das experiências que se dão no real, sendo a experiência categoria central nos empirismos. Diz também que não existe nenhum fundamento além da experiência pura.

O terceiro artigo achado pelo termo 'Empirismo', que tem como título: A importância do empirismo inglês para as linguagens documentárias, segundo Mostafa

(2010, p. 1) para o empirismo inglês o homem não cria qualquer ideia, as ideias são construídas a partir dos processos associativos, as impressões representam as sensações, e as ideias são derivadas das impressões, daquilo que é dado pela experiência. A experiência está na base de todo o empirismo inglês, tornando-se um de seus traços distintivos, nos referimos a traços, pois, o empirismo não pode ser reduzido apenas à experiência.

O quarto, e último artigo, achado pelo termo 'Empirismo', tem o seguinte título: Um banho de empirismo: de Hume/Deleuze ao empirismo radical de Bruno Latour, o texto nos traz realmente "um banho de empirismo", mas o artigo traz muito sobre as correntes de pensamento empiristas de alguns dos principais filósofos da área e muitos desencontros nas suas ideias sobre o tema. Não cabe ao nosso trabalho discursar sobre essas divergências.

Resumidamente, para o autor do artigo o empirismo é fruto da modernidade. Mostafa (2010, p. 162) afirma que declarar que Aristóteles foi o primeiro empirista é um artifício lógico para distingui-lo de Platão, sempre associado e fixado na busca de um mundo ideal, em busca de uma compreensão racionalista do mundo. De fato Aristóteles observava a natureza, e dessa maneira, foi um empirista. Contudo, é a modernidade que traz a necessidade de organizar uma teoria para o conhecimento.

Dos 6 artigos identificados pelo termo 'Descartes', somente dois deles falam sobre Descartes como filósofo e racionalista. Outros 2 só citam Descartes, e os dois últimos artigos encontrados mencionam a palavra "descartes" em outro sentido, o último, por exemplo, fala de seleção e aquisição de materiais, e referia-se, ao citar "descartes", à técnica de descartes de materiais.

O primeiro artigo encontrado pelo termo 'Descartes', tem por título: Design da informação, linguagens convergentes e complexidade na rede social e ambiente digital do Facebook, Jorente (2014, p. 116) diz que Descartes em seu Discurso sobre o método atribuiu a inteligência e a capacidade de pensar à capacidade equivalente da organização discursiva. Elaborar discursos que contêm respostas variadas sobre questões propostas era, para Descartes, a prova do pensamento inteligente. Desse modo Descartes centrava-se na linguagem como método universal para encontrar a verdade: a linguagem pode ser considerada a base do método cartesiano.

É importante ter em mente que o apelo à razão, à lógica e à linguagem como métodos era revolucionário em 1637, em uma época de inquisições, era uma afirmação

de coragem dizer que por meio do pensamento estruturada a linguagem como artifício humano para responder criativamente ao meio.

O segundo artigo encontrado com o termo 'Descartes', tem como título: Sobre uma epistemologia em bases não consolidadas, conforme dito pelo autor "do ponto de vista do homem medieval, enquanto este se lança a contemplar a natureza, o homem moderno procura dominá-la" (ATHAYDE, 2007, p. 19). Entretanto, visto por este lado, o forte desejo de dominação da natureza leva à explicação da inclinação mecanicista da física clássica de Descartes, ciência que se apoia na observação e experimentação, numa linguagem geométrica e matemática cujo ideal de racionalidade fez do homem mestre e possuidor da natureza.

Dos 5 artigos encontrados pelo termo 'Racionalismo', somente um nos interessa, e ainda assim fala muito pouco sobre, os outros quatro só mencionam o termo ou o utilizam com outros propósitos e sentidos. O primeiro, que tem como título: Renascimento: uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza, a página não abre com o trabalho completo, dessa forma não foi possível fazer a identificação do termo 'Racionalismo' e o seu uso no texto. O segundo e quinto artigo achados só menciona o Racionalismo, não expondo nada sobre o tema. No terceiro artigo achado utilizando o termo 'Racionalismo', ele só é empregado no resumo, e tem outro sentido para o texto.

O quarto artigo é o único que menciona algo que nos interessa. Conforme diz Marivalde (2003, p. 64) "A ciência, ao longo do século XX, passou por um amplo debate sobre os seus princípios básicos de construção. O racionalismo, o determinismo e o mecanicismo foram superados pela incerteza proposta pela própria ciência, dando origem a possíveis rupturas epistemológicas e a busca por "novos" paradigmas". Podemos dizer que o que houve na realidade foi um certo tipo de revolução, pois foram três séculos de determinismo e racionalismo, tendo uma visão mecânica de mundo, tudo isso caindo por terra com as novas descobertas da própria ciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado permitiu identificar o estado da arte do pensamento científico em Biblioteconomia no Brasil, logo alcançou seu objetivo. O resultado, mesmo que de pouca quantidade, oferece possibilidades interpretativas de qualidade. Uma delas versa

sobre a importância da oferta da disciplina "Biblioteconomia e Pensamento Científico", no Curso de Biblioteconomia, a qual cria as condições para que os estudantes consigam por em cheque e, talvez, ampliar suas visões de mundo, suas percepções sobre a verdade, sobre a transcendência e, ainda, sobre aquilo que é externo (patente) e interno (latente) à razão.

Conforme Salcedo e Cruz (2017, p.54)

No Brasil, a relação entre racionalismo e empirismo, entre teoria e prática, não foi tão bem discutida. Do sincretismo cultural com os portugueses à imanência de um politeísmo nativo da região sucumbiu a transcendência de uma metafísica cristã. O racionalismo prevaleceu dominante por mais de três séculos desde o seu ingresso, enquanto se configurava as características de uma cultura essencialmente brasileira.

Outra apreciação possível trata sobre a positiva validade do debate aberto em sala de aula. Não, apenas, teoria e prática podem ser expostas como articuladas e complementares, mas o professor, ao indicar a leitura da bibliografia analisada, media a favor dos estudantes a relação entre aquilo que é produzido nas práticas e rotinas científicas e as demandas sociais ou da sociedade. Ainda, permite que os futuros bibliotecários entendam ou, pelo menos, apreciem a possibilidade de que pensar de forma crítica e fazer ciência são práticas cotidianas inseridas na sociedade, que não lhe são exteriores.

Nesse sentido sugere Salcedo (2010, p. 21):

os debates também devem considerar que a C&T faz parte de realidades culturalmente e socialmente construídas, admitindo as múltiplas e variadas interdependências implicadas nessa consideração. Afirmamos isso, pois cremos que ela constitui parte da simbolização do humano sobre a realidade.

Ainda, como reflexão final cabe expor que outros termos, próximos aos que foram aqui utilizados, poderiam resultar em mais dados quantitativos, assim, talvez, alterando o teor de algumas das análises feitas. Outrossim, as aproximações e distanciamentos entre essas escolas de pensamento ainda existem, têm seu lugar de disputa pelo poder no debate científico e modelam pensamentos e ações. Enfim, seria salutar ao debate que outro estudo fosse realizado no futuro, particularmente, utilizando mais termos de busca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. N.; Crippa, G. De bacon à internet: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação. **Ponto de Acesso**, v. 3, n. 2, 2009, p. 109-131. Disponível em: <<https://goo.gl/Jlstr7>>.

ATHAYDE, F. M. P. A.; Mertens, R. S. K. Sobre uma epistemologia em bases não consolidadas. **Revista Eletrônica Informação e Cognition**, v. 6, n. 2, 2007, p. 15-24. Disponível em: <<https://goo.gl/AQAFZa>>.

BACON, Francis. **Wikipedia**. 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon>.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 79, 2002, p. 257-272. Disponível em: <<https://goo.gl/HlmXV6>>.

FIGUEIREDO, L. V. M. F.; Tuzzo, S. A. José marques de melo e a escola latino-americana de comunicação: obra, pensamento e história. **Comunicação & Informação**, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/KIRWXG>>.

HUENEMANN, C. **Racionalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JORENTE, M. J. V. Design da informação, linguagens convergentes e complexidade na rede social e ambiente digital do facebook. **Informação & Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 116-129, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/ojtLS9>>.

MARIVALDE, M. F. A epistemologia da complexidade e a Ciência da Informação. **Ci. Inf**, Brasília, v. 32, n. 2, maio/ago, p. 64-68, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/jhDYdX>>.

MAY, C. **Descartes**. 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/zu3IPy>>.

MARKIE, P. Rationalism vs. Empiricism, **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/UjLHf2>>. Acesso em 10 maio 2017.

MOSTAFA, S. P. Um banho de empirismo: de hume/ deleuze ao empirismo radical de bruno latour. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 1, 2010, p. 161-181. Disponível em: <<https://goo.gl/Nyr2Ub>>.

MOSTAFA, S. P.; CRUZ, D. V. N. A importância do empirismo inglês para as linguagens documentárias. **DataGramaZero**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/KjkE01>>.

OLDON, H. A. A potência do não percebido: hegel, dewey e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/fwlZOU>>.

OMNÈS, R. **Filosofia da ciência contemporânea**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

ROQUETA, M. G. B. et al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, v. 22, n. 2, 2010, p. 123-138. Disponível em: <<https://goo.gl/5Tpmcc>>.

SALCEDO, D. A. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000**. Recife: UFPE, 2010.

SALCEDO, D. A.; CRUZ, Marcílio. Biblioteconomia, ciência e filosofia: um debate necessário sobre teoria e prática no campo acadêmico-científico. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.27, n.1, p. 47-58, jan./abr. 2017.

SAVATER, F. **A aventura do pensamento: um passeio pela história da filosofia e pelos grandes nomes do pensamento ocidental**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Recebido em: 19 de fevereiro de 2018 Aceito em: 06 de junho de 2018
--